



## **‘Tá’ na Geral: a periferia na Tribuna de Minas<sup>1</sup>**

Aline MAIA<sup>2</sup>

Flávio LINS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **Resumo**

Propomos, neste artigo, analisar o jornal Tribuna de Minas, impresso que circula há mais de 30 anos em Juiz de Fora, MG. No período de 7 a 12 de fevereiro de 2012, avaliamos as capas – atentando-nos às principais manchetes - e a editoria Geral. Buscamos verificar, nas páginas selecionadas, “se” e “como” são reportados assuntos referentes a bairros da periferia e seus habitantes. Acreditamos que, mais que informar, a atividade jornalística encerra um caráter elitista, recorrentemente expondo núcleos não hegemônicos como notícia apenas em função do desvio de comportamento, da desgraça, da violência ou do bizarro que possam apresentar.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Identidade; Periferia.

### **1. Introdução**

Destituída de formalidade, a atividade jornalística é uma das mais antigas já praticadas. Originado e expandido a partir da luta pelos direitos humanos, o jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa, segundo Ciro Marcondes Filho (2000) - apesar de já existirem jornais um século e meio antes. Engendrando valores como razão, verdade e transparência – marcas do espírito moderno – nasceu associado à destituição do poder da Igreja e da Universidade, uma vez que quebrou o monopólio do saber e a exclusividade destas instituições em acessar documentos e realizar pesquisas (MARCONDES FILHO, 2000).

Sua consolidação fez emergir características ainda hoje identificadas com sua prática - as notícias, a independência, a exatidão e a noção da atividade como um serviço público - combinando ideias que perfazem sua história - o furo, a aventura, a caça da grande matéria (TRAQUINA, 2004). Neste contexto, surge o jornalista, no seio da modernidade, figura supostamente revestida de poder e com a missão de procurar,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012

<sup>2</sup> Professora substituta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Jornalista graduada e Mestre em Comunicação pela UFJF, email: ninemaia@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor do Curso de Pós-Graduação em Cinema, Televisão e Mídias Digitais da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Comunicação pela UFJF, email: flavio.lins@oi.com.br



escarafunchar, questionar, revistar todos os cantos a fim de obter a notícia que alimenta o jornalismo.

Os jornalistas, segundo Traquina (2005), conseguiram forjar uma identidade profissional revestida de valores, símbolos e representações que constituem o ar que marca a produção das notícias. Para além de um grupo com forte ethos (Traquina, 2005), os jornalistas também se constituem em verdadeiros “senhores de memória” da sociedade, conforme Marialva Barbosa (2004), por realizarem no seu trabalho cotidiano uma operação seletiva, lembrando alguns fatos e esquecendo outros tantos.

A questão é que escolher um entre inúmeros temas para ser reportado, recortar a angulação que será dada a uma notícia, priorizar ou não determinados aspectos, bem como selecionar como será a transmissão de um assunto são ações que revelam como a realidade é construída, em primeira instância, pelos jornalistas. “O real não é o ocorrido, não é o evento em si, é o real conhecido, como ele foi narrado, e não apenas visto (...), tudo aquilo que não é registrado não é real, não é objeto do meu conhecimento porque não foi noticiado. E, na medida em que noticio, transformo o fato” (VIEIRA, 1992, p. 120). Afinal, por interferir na realidade ao narrá-la, temos no jornalismo uma ferramenta de transferência do campo subjetivo para o objetivo.

Por estas concepções iniciais, propomo-nos, neste artigo, analisar o jornal *Tribuna de Minas*, edições de 7 a 12 de fevereiro de 2012. Neste período, avaliamos as capas – atentando-nos às principais manchetes - e a editoria Geral. Optamos por esta seção por ser a que concentra matérias sobre polícia, educação, cidadania, trânsito e bairros. Buscamos verificar nas capas e nas páginas da Geral *se e como* são reportados assuntos referentes a bairros da periferia e seus habitantes.

Mais que informar, acreditamos que o jornalismo brasileiro encerra um caráter elitista, expondo núcleos não hegemônicos como notícia apenas em função do desvio de comportamento, da desgraça, da violência ou do bizarro que possam apresentar. Uma vez que não se pode registrar tudo, os temas priorizados são determinados culturalmente. Assim, julgamos pertinente este tipo de reflexão, já que os meios de comunicação – e nesta “massa” o jornalismo – exercem, na atualidade, destacado papel na construção social da realidade, no estabelecimento de uma memória social coletiva, e na determinação de identidades.



## 2. Jornalismo e seu papel

Para Luiz Beltrão (2006), desde os tempos das cavernas o homem já fazia jornalismo. Ao reunir seu grupo para comunicar a aproximação de inimigos ou de uma tempestade ou, ainda, para contar histórias, o indivíduo estava informando, orientando e entretendo: estava fazendo jornalismo.

Com o tempo, esta prática passou da condição de informal – limitada à curiosidade e ao interesse de uma pessoa ou grupo – para assumir o posto de necessidade social, na medida em que foram ampliadas e diversificadas as coletividades. Aos poucos, a mobilidade dos meios de comunicação foi sendo incrementada, ao ponto que, atualmente,

mesmo com os inúmeros empecilhos que surgiram aos veículos jornalísticos com a tremenda sobrecarga de informações que lhes cabe transmitir, ainda se constituem eles o único recurso de que dispõem o homem (...) para superar as suas deficiências de conhecimento das ocorrências, ideias, situações e opiniões correntes e de cujo domínio depende a sua segurança e bem-estar (BELTRÃO, 2006, p.16).

Da mesma forma que o jornalismo oficializou-se enquanto atividade importante na sociedade, o agente desta tarefa, o jornalista, também deixou de ser um “comunicador informal” para dedicar-se a uma profissão que exige formação específica.

De acordo com Beltrão (2006), o jornalismo deve não só apresentar um fato mas também interpretá-lo, oferecer soluções quando necessário, estabelecer e fundamentar ensinamentos dele extraídos. Tais fatos devem ainda ser transmitidos periodicamente, a fim de divulgar conhecimentos e servir à opinião pública para, desta forma, promover o bem comum.

Em uma perspectiva semelhante à de Beltrão, Ferdinand Tönnies (2006) sugere uma atividade que atende a funções sociais:

O jornalismo é a pequena mudança da literatura que penetra em todos os cantos dos lares, multiplicando o conhecimento, estimulando o pensamento, repetidamente comunicando verdades, mentiras, autenticidade e falsidades, evocando sentimentos apaixonados, confirmando atitudes, formando opiniões e sustentando conversas (TÖNNIES em MAROCCO e BERGER, 2006, p.112).

Complementarmente, Otto Groth (2006) define o jornalismo como uma obra cultural, resultado de ações humanas e que “determina, sobretudo, a direção do pensamento e da vontade das amplas camadas da sociedade, e não só destas; dele depende, em grande parte, o patrimônio de conhecimento e, por conseguinte, a



capacidade de julgamento de todo o povo” (GROTH em MAROCCO e BERGER, 2006, 184). A proposição de Groth nos alarma frente à tamanha responsabilidade conferida ao jornalismo. Pois, na perspectiva de narrar o cotidiano, identificam-se valores como a procura da verdade, a busca pela notícia a ser publicizada. Mas, “o que é que deve se fazer público”?

Para Marialva Barbosa (2004), o jornal conserva em sua estrutura assuntos que, em princípio, guardariam algum tipo de identificação com o leitor. Mas, por não ser possível informar a totalidade, são critérios subjetivos que acabam por servir de base para a seleção e a hierarquização de informações no jornalismo.

A lógica da imprensa é desorganizar a estruturação racional da realidade e jogar para o leitor o mundo como amontoado de fatos desconexos e sem qualquer lógica interna. Ao lado de manchetes que advertem sobre o perigo da criminalidade, de sequestros relâmpagos, aumento do número de roubo e assaltos, tiroteios que matam indiscriminadamente, terrorismo, convivem outras sobre ganhadores de prêmios milionários da Loteria, passeios ciclísticos, espetáculos populares ou a vitória de um tipo de futebol (BARBOSA, 2004, p.2).

Desta forma, podemos atribuir ao jornalismo o poder de construir a realidade e o presente, pontuando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Essa infinita capacidade geradora é ainda mais emblemática quando se possui o poder de nomeação na sociedade. Legitimando o acontecimento, divulgando-o, caracterizando-o através da linguagem e tornando-o oficial, a mídia tira das zonas de sombra o que precisa ser destacado e impõe uma visão de mundo, que atua outorgando poder (BARBOSA, 2004, p.2).

E nesta imposição de visão de mundo, o jornalismo muitas vezes cria uma cartografia das cidades. Assim,

existem bairros associados ao bem-estar, normalmente nomeados nas editorias de política, economia, cultura, esportes e nas colunas de opinião e sociais. Outros espaços urbanos, como aqueles das favelas, costumam aparecer com frequência nas páginas policiais ou então naquelas da editoria de “Cidade”, que privilegia problemas e reclamações dos moradores. O jornal divide a cidade e a classifica de acordo com juízos de valor (MUSSE, 2006, p.35).

Há de se considerar ainda que privilegiar alguns fatos e negligenciar outros é um processo subjetivo. Por mais que os jornalistas busquem mecanismos de isenção e imparcialidade, haverá sempre uma escolha, uma inclusão e uma exclusão; sempre algo não dito, seja por uma determinação editorial ou por uma mera questão de espaço.



Mas, a aparente rotina de uma redação – como a escolha cotidiana das pautas, das notícias – traz consigo uma responsabilidade talvez não percebida por muitos jornalistas. Afinal, partimos do entendimento de que os meios de comunicação – e aqui inserimos o jornal e o jornalismo - são agentes significantes, fabricantes de sentidos que não apenas reproduzem a realidade, mas também a definem. Construir a realidade implica estruturar os indivíduos, muitas vezes dar às pessoas uma identidade, uma vez que encontramos nos meios “ampla oferta que estes proporcionam de modelos de pensamento e de ação de quadros simbólicos difundidos e impostos socialmente” (ESTEVEZ, 1999, p. 4-5).

O jogo constitutivo de identidades opera, entre outras dimensões, embasado nas referências advindas de suportes instáveis como as narrativas jornalísticas. Uma vez que aspectos negativos sobre uma região e seus habitantes são os que prioritariamente ganham visibilidade através do jornalismo, estarão os meios de comunicação colaborando para uma contínua re-apresentação equivocada da realidade.

Recorrendo a ideias e valores presentes no imaginário popular, o jornalismo, ao reportar o cotidiano da sociedade, apresenta figuras que logo são oficializadas em modelos de pronta identificação e visibilidade. E é neste contexto que atentamos para o papel dos meios de comunicação na configuração das cidades, na construção da realidade social. Questionamo-nos sobre *se* e *como* aparecem os bairros periféricos e seus habitantes no jornalismo. Em busca de repostas para tal indagação, detivemo-nos em analisar seis edições consecutivas do jornal Tribuna de Minas, ou seja, acompanhamos uma semana da principal publicação impressa da maior cidade da Zona da Mata Mineira.

### **3. A periferia ‘tá’ na Geral!**

O jornal Tribuna de Minas, em formato *standard*, circula desde 1981 em Juiz de Fora, Minas Gerais, de terça-feira a domingo. A publicação contém as editorias de Política, Economia, Geral, Esporte, Opinião, Serviço, Cultura, Brasil e Mundo. Há também dois suplementos: o caderno Carros - publicado todas as quintas-feiras – e o de TV – que circula aos domingos. É o impresso mais antigo em circulação em Juiz de Fora – maior cidade da Zona da Mata Mineira, com cerca de 500 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Para nosso estudo, optamos por analisar a capa – atentando-nos às principais manchetes – e as páginas três e quatro, dedicadas à editoria Geral, por ser aquela que reúne matérias sobre polícia, educação, cidadania, trânsito, bairros; ou seja, assuntos “gerais” da cidade. Acompanhamos uma semana de publicação, da terça-feira, sete de fevereiro, ao domingo, 12 de fevereiro de 2012. Nosso olhar se deteve na busca por notícias sobre bairros da periferia e seus habitantes, no intuito de verificar *se e como* eles aparecem.

É importante ressaltarmos que partimos do conceito de periferia proposto por Rosa Moura e Clóvis Ultramari (1996): são áreas distantes do centro tradicional das cidades, mas de forma que os afastamentos não são apenas quantificáveis pelas distâncias físicas existentes, mas, também, “revelados pelas condições sociais de vida que evidenciam a nítida desigualdade entre os moradores dessas regiões” (MOURA & ULTRAMARI, 1996, p.10). Nas periferias das cidades prevalece a utilização do solo para residência de classes de renda mais baixa, há predomínio de loteamentos sem infraestrutura e precários no que diz respeito à presença de equipamentos urbanos (praças, por exemplo) e serviços públicos (postos de saúde e creches, por exemplo). Partindo desta delimitação, atentamo-nos às manchetes que se referiam, de alguma forma, a bairros de classes mais baixas.

Na edição de sete de fevereiro, terça-feira, onze assuntos foram chamados na capa, dentre os quais obtiveram maior destaque:

- a) *PMS suspeitos de balear cidadãos em via pública*
- b) *Homem é espancado por reclamar de som alto*

Ambas as manchetes envolviam situações ocorridas na periferia e direcionavam o leitor para matérias na página três. De imediato, verificamos que a página três da edição de sete de fevereiro concentrou, basicamente, os assuntos de polícia: espancamentos, tentativas de homicídio, mortes, enfim, o “balanço” do fim semana em Juiz de Fora.

Segundo a matéria sobre os policiais militares suspeitos de atirar em via pública, um cabo da PM, de 47 anos, teria alvejado a cabeça de uma mulher, de 51 anos, após um desentendimento na porta de um bar, no bairro Ipiranga, periferia sul da cidade. O crime teria sido cometido na frente do marido e da filha da vítima, no domingo, à noite. Ainda de acordo com o jornal, o atirador teria fugido.

Outro bairro que apareceu na seção “policial” foi o Santa Efigênia (vizinho ao Ipiranga), onde um homem de 27 anos foi atingido por três tiros durante uma confusão em um churrasco. Outra tentativa de homicídio foi reportada no Santa Rita, já na região



leste de JF. Um motociclista estaria passando por uma rua quando foi interceptado por outras duas pessoas, também em uma moto. O carona estava armado e atirou.

Na página três ainda encontramos a notícia da morte de duas pessoas que tinham sido baleadas dias antes: um jovem de 22 anos, ferido no Santa Rita; e um homem de 44 anos, atingido quando passava pelo bairro Linhares. Havia ainda matéria sobre três pessoas espancadas no fim de semana em três bairros de Juiz de Fora, sendo que dois dos casos ocorreram na periferia: um jovem de 18 anos, em Santa Efigênia; e um homem de 21 anos, no Progresso, região leste.

Se na página três - que concentrou notícias sobre crimes – encontramos cinco bairros da periferia citados (alguns referenciados mais de uma vez, inclusive), na página quatro não identificamos qualquer referência a regiões do subúrbio. Vale destacar que a página quatro foi dedicada, basicamente, a educação, com reportagem de mais de meia página sobre o resultado do vestibular da Universidade Federal de Juiz de Fora, matéria sobre a adaptação de escolas para se adequarem ao processo seletivo da UFJF, e nota sobre mobilização de colégios no combate a dengue.

Na edição de oito de fevereiro, quarta-feira, dez assuntos foram chamados na capa, dentre os quais obtiveram destaque dois que se referiam a bairros da periferia:

- a) *Morre rapaz espancado por grupo de jovens*
- b) *Atropelados na calçada. Condutora sobe em passeio e fere quatro pessoas em ponto de ônibus, no Retiro* (com foto)

Nesta edição, a página três concentrou matérias sobre clima, pesquisas com célula-tronco na UFJF, programação da festa de Nossa Senhora de Lourdes e polêmica sobre uma usina de lixo hospitalar na cidade de Simão Pereira. Nenhuma com referência à periferia de JF. Já a página quatro trouxe três matérias reportando situações na periferia e, mais uma vez, todas na linha de “ronda policial”: duas reportagens davam continuidade a assuntos já apresentados na edição do dia anterior (o jovem espancado no Progresso morreu e o cabo da PM acusado de atirar em uma mulher no Ipiranga deveria se apresentar na Delegacia de Polícia Civil), e a terceira tratava de jovem suspeito de agredir e extorquir a mãe no São Benedito, periferia leste.

Ainda na página quatro, constava a notícia sobre o atropelamento de quatro pessoas na calçada, no bairro Retiro, periferia sudeste de JF. A condutora teria perdido o controle da direção ao fazer uma conversão, subindo no passeio. Uma das vítimas teria sofrido fratura exposta.



Na edição de nove de fevereiro, quinta-feira, doze assuntos foram chamados na capa, dentre os quais obtiveram destaque dois que se referiam a bairros da periferia:

- a) *Garoto é esfaqueado no peito*
- b) *PM diz que faz tratamento psiquiátrico*

Na página quatro, encontramos as matérias referentes às manchetes da capa. A primeira tratava de um adolescente de 16 anos esfaqueado na Vila Esperança II, na zona norte. A segunda dava continuidade ao caso do cabo da PM acusado de atirar na cabeça de uma mulher no fim de semana. Ainda na página quatro, encontramos na coluna ETC – que apresenta textos curtos com assuntos diversificados - uma nota sobre uma mulher ferida porque o ônibus em que ela estava foi apedrejado. O vandalismo foi registrado na Vila Ideal, também na periferia. A página três, com uma matéria especial sobre carroças no trânsito, não citou regiões do subúrbio.

A esta altura de observação e análise das edições, já podemos afirmar que a periferia “tá na geral”, principalmente se o foco é o da violência, o da criminalidade ou mesmo o do bizarro, como no caso de um cachorro encontrado amarrado a um botijão em uma casa no bairro Vila Ideal, provocando vazamento de gás, conforme nota na página quatro da edição de nove de fevereiro. Até agora, a editoria Geral (que, além de polícia, também concentra temas nas áreas de educação e cidadania, por exemplo, como já explicamos anteriormente), só apresenta a periferia sob a ótica policial.

Na edição de dez de fevereiro, sexta-feira, onze assuntos foram chamados na capa, mas nenhum referente a bairros da periferia. Na página três, uma matéria especial de mais de meia página nos chamou a atenção: pela primeira vez, em nosso período de avaliação, o Centro da cidade aparecia no contexto “policial” na editoria Geral. Sob a manchete *Pedestres vivem momentos de medo no Mergulhão*, o repórter Marcos Araújo relatou reclamações de assaltos e agressões na área central de JF.

Também observamos que, até então, as matérias policiais acerca de ocorrências na periferia não eram assinadas pelos jornalistas. Constavam no jornal, basicamente, com as informações da pirâmide invertida: o que, quem, quando, onde. Não há aprofundamento ou contextualização. Os bairros e as pessoas envolvidas nas situações são tratados como “mais um caso”, mais um número, enfim, o boletim policial.

Mas, a matéria sobre os crimes no Mergulhão – reforçamos, área no Centro de JF – estava estruturada de forma diferente. Além de estar assinada, apresentava duas retrancas, com desdobramentos do assunto revelando o esforço para ouvir todos os lados: vítimas, moradores da área, polícia, pedestres que passam sempre pela região,





comerciantes. O tratamento ao tema foi diferenciado em relação às tentativas de homicídio, espancamentos e outros crimes reportados nas edições anteriores ocorridos na periferia.

Ainda na página três da edição de dez de fevereiro, ao lado da matéria especial sobre o Mergulhão, uma notinha dava conta de um adolescente (mais um!) atingido por tiros no bairro Jardim Cachoeira, periferia norte. Já na página quatro, com reportagens sobre corte de árvores, incentivo à doação de sangue e ordenação de um bispo da Igreja Católica, não constava assunto que remetesse à periferia.

Na edição de onze de fevereiro, sábado, onze assuntos foram chamados na capa, dentre os quais obteve destaque um que se referia a bairro de periferia: *Mulher é esfaqueada para proteger o filho*. Na página três, o relato sobre uma dona de casa, de 46 anos, esfaqueada seis vezes ao entrar na frente do filho que era perseguido por um homem de posse de uma faca. O crime foi registrado no bairro Parque das Torres, periferia norte. Na página quatro, sem referências a bairros da periferia, encontramos matérias sobre o período de matrículas na UFJF, o envio de militares de JF para reforçar a segurança no Rio, o movimento nas estradas por causa da proximidade do carnaval, o início das rondas de carnaval e o oferecimento de cursos populares de informática.

Por fim, na edição de doze de fevereiro, domingo, doze manchetes figuravam na capa; nenhuma com referência a bairros da periferia, situação que se repetiu nas páginas da editoria Geral. O jornal de domingo, geralmente mais “*light*” em termos de conteúdo, destacando matérias culturais (que ilustram o Caderno Dois), não estampou a periferia em sua capa.

De antemão, reconhecemos que nosso recorte para análise é apenas um dos tantos possíveis quando se trata de observar conteúdo de publicações. No entanto, como é necessário delimitar um ponto de partida para reflexão, optamos por nos concentrar nas capas e na editoria Geral. Já prevíamos que encontraríamos nas páginas três e quatro muitas referências a bairros da periferia. No entanto, julgávamos que as abordagens poderiam ser diversificadas – já que a Geral reúne, além de polícia, as temáticas educação, cidadania e trânsito, por exemplo.

Mas, o que constatamos, ao menos no período verificado, é que a periferia e seus sujeitos figuram na “Geral” tendo a violência, prioritariamente, como pano de fundo. Assim também na capa a periferia só virou “manchete” quando o crime era o mote. E é neste limiar que chamamos a atenção para o impacto sobre a sociedade quando da veiculação recorrente da imagem da periferia como “o lugar da criminalidade”. Ora, um



cidadão não juiz-forano que acompanhou uma semana do jornal Tribuna de Minas, mesmo sem conhecer Juiz de Fora, provavelmente terá receio dos bairros Santa Efigênia e Santa Rita, citados no noticiário policial várias vezes.

Seguindo a ideia de um sentido ampliado de performatividade proposto por Judith Butler (2005), podemos notar o risco que se corre quando o jornalismo enfatiza a violência no subúrbio, já que sentenças descritivas repetidas uma série de vezes podem acabar produzindo o fato, tornando-o uma verdade, obtendo a produção da identidade como uma questão de performatividade (SILVA, 2005, 93).

Em uma releitura da proposta de Peter Berger em *A construção social da realidade* (1985), inferimos que a mídia – e neste contexto, o jornalismo - constrói identidades para moradores das periferias e as joga para a sociedade, que pode, ou não, reincorporar estes “tipos”. Entendemos que a presença cada vez mais marcante da mídia na relação indivíduo-sociedade constrói imaginários e visões de mundo. E como propõe João Carlos Correia (2002), os indivíduos agem a partir dos significados que lhes são atribuídos pelos meios de comunicação.

Há ainda, neste meandro, o papel do jornalista. Como expôs Néelson Traquina em *As Notícias* (1993), jornalistas não são simples observadores indiferentes dos fatos, mas, antes de tudo, colaboradores ativos de um delicado processo de construção da realidade, de forma que “as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; (...). Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, 167). E, ainda, conforme Marialva Barbosa (2004), neste contexto engendrado por uma questão de poder, o jornalista cria uma memória da atualidade, seguindo critérios subjetivos “ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade” (p.4).

Ao estampar, majoritariamente, aspectos negativos das periferias, aquilo que de violento, bizarro e atípico ela possa conter, “legitimando o acontecimento, divulgando-o, caracterizando-o através da linguagem e tornando-o oficial, a mídia tira das zonas de sombra o que precisa ser destacado e impõe uma visão de mundo, que atua outorgando poder” (BARBOSA, 2004, p.4).

#### **4. Considerações finais**

Nossas experiências dão sentido às informações que recebemos. Nossa leitura dos fatos que a nós chegam, via qualquer meio de comunicação, é feita a partir de



nossas vivências e do imaginário que criamos a partir do que acessamos na mídia. Com a propagação das mazelas suburbanas pelo jornalismo, a sociedade vê apenas aspectos negativos da periferia retratados. Homens e mulheres de classes populares, atingidos pelos efeitos da degradação social, reiteradamente são focados sob a ótica da violência, da miséria ou do bizarro.

As representações que ganham visibilidade no jornal reforçam papéis sociais de marginalidade culturalmente conferidos a moradores de bairros periféricos. Como o leitor, em geral, não conhece todos os bairros da cidade, não tem acesso a todas as regiões em si, seu conhecimento, muitas vezes, acaba por se configurar em um espaço construído “via mediação”. É um acesso aos fatos e aos lugares por meio de um discurso que pode originar uma falsa realidade, uma visão inadequada das histórias e das pessoas envolvidas.

É importante ressaltar que, diante do jornal, o leitor dificilmente pensará que o fato narrado não é verídico. Afinal, como já pontuou Barbosa (2004), antes de qualquer outra presunção, o relato jornalístico é revestido da característica de crível. Assim, com o status de “lugar da verdade”, o jornal passa a construir uma realidade a partir da narração e apresentação que dela faz em suas páginas.

Realizamos aqui, a título de exemplo, uma breve verificação e análise do jornal *Tribuna de Minas*. Mas, nossa intenção não é julgar a linha editorial da citada publicação. Pretendemos apenas apontar um comportamento que também pode ser observado em outros jornais impressos de outras cidades brasileiras, em função, inclusive, do caráter de poder que rege as redações. Também não ousamos insinuar que os crimes devam ser banidos das páginas dos jornais. Mas, o que sentimos falta e sugerimos é um maior equilíbrio entre as temáticas das matérias. Afinal, por que a periferia e seus moradores não podem ser os protagonistas rotineiros de reportagens sobre cidadania e educação, por exemplo? No caso da *Tribuna de Minas*, eles continuariam na “Geral”, mas sob uma ótica peculiar e positiva. A cobertura seria mais completa e de melhor qualidade se refletisse a pluralidade de experiências vividas pelos moradores destas comunidades.

É certo que há algumas raras tentativas de abordagens positivas das periferias e seus moradores. No entanto, pela constante retratação negativa, mesmo os esforços de mostrar outro lado do subúrbio são insuficientes para reverter a imagem estereotipada criada destes lugares. Mais: mesmo as reportagens com “bons exemplos” advindos das periferias soam como “exceções raríssimas destes espaços”, já que muitas vezes a



apresentação destas pautas já direciona o leitor para esta percepção de “exclusão a regra”.

Recorrentemente, o lugar dado às periferias no jornal revela desprezo para com as reais identidades destas coletividades, bem como a construção de outras, pelo menos para o leitor que, a princípio, não tem outra opção de conhecimento sobre os fatos e os lugares, a não ser o impresso em mãos. Neste limiar, mais do que nunca, é preciso pensar a responsabilidade do jornalista, os “senhores da memória”, e o papel desempenhado pela imprensa no processo de surgimento de novos grupos identitários. É preciso cautela para não reforçar, via discurso jornalístico, preconceitos arraigados no imaginário social brasileiro.

Temos ciência da gama de estudos já elaborados sobre a retratação da periferia nos jornais. Mas, julgamos pertinente permanecer nesta tecla por ser o jornalismo um instrumento cuja ação vai muito além de informar: é, sobretudo, uma atividade formadora de opinião, determinante de vontades e posturas de amplas camadas da sociedade. Por isso, é necessário combater o discurso que acentua o lugar de marginalidade da periferia – ou mesmo de outras minorias. Deveria ser imperativo aos jornais e jornalistas encontrar maneiras de driblar os obstáculos impostos pela violência para o efetivo exercício do bom jornalismo.

Recorrentemente, os mais espetaculares e marginais aspectos da periferia são os pontos de vista que, prioritariamente, interessam à mídia. No entanto, acreditamos que a maioria dos moradores destas áreas não se identifica parte integrante desta construção evidenciada pela imprensa. Aproximar-se da periferia e de sua população é, a nosso ver, um caminho possível para aperfeiçoar a cobertura jornalística destas comunidades: uma via eficaz para a imprensa ampliar o papel de promover o debate social, vigiar e exigir a execução de políticas públicas e esmerar-se na retratação da sociedade como um todo – e não apenas de parte dela.

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na construção da identidade de jovens da periferia. In. **Educação e Pesquisa**. Volume. 27, n.1. São Paulo: 2001 pp. 141-160.

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?** (2004). Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/1248/1/R0165-1.pdf> Acesso em 01 fev. 2012.

BELTRÃO, Luiz. O Jornalismo. In: \_\_\_\_\_. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI &



Cátedra Unesco, 2006, p. 13-35.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento; Petrópolis: Vozes, 1985.

ESTEVES, João Pissara. **Os media e a questão da identidade**: sobre leituras pós-modernas do fim do sujeito. Universidade Nova de Lisboa, março de 1999. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)  
Acesso em: 18 abril 2007

MARCONDES FILHO, C. **O Capital da Notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Editora Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e jornalismo. A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MAROCCO, Beatriz. BERGER, Christa. (orgs.). **A Era Glacial do Jornalismo – Teorias Sociais da Imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é Periferia Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. 2006. Tese de Doutorado – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRAQUINA, Nélson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993. Coleção Comunicação & Linguagens.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo – Volume I** Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo – Volume II** A Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Roberto Amaral. Televisão, Imaginário e Inconsciente. In: **Comunicação & Política**. Ano 11- nº 16-1992. São Paulo: CBELA. 1992. pp. 119-125